



## MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

*Miscelânea*, Assis, vol.4, jun./nov.2008



# CLEMENTE SOARES, O GRANDE BAJULADOR: UMA ANÁLISE DO CONTO “UM HOMEM SUPERIOR”, DE MACHADO DE ASSIS

Esequiel Gomes da Silva  
(Mestrando — UNESP/Assis)

## RESUMO

Com este trabalho temos o objetivo de analisar os modos de sociabilidade de Clementes Soares, personagem principal do conto “Um homem superior”, publicado por Machado de Assis no *Jornal das Famílias* em 1873. Observamos que para este conto o escritor brasileiro criou um tipo ficcional dependente, exímio na arte de bajular sempre e com a intenção de obter favores. Pretendemos também mostrar que o personagem em questão era um tipo em gestação do que viria a ser o interesseiro Cristiano Palha no romance *Quincas Borba*. Assim sendo, nossa análise é de cunho comparativo e ao mesmo tempo sociológico e baseia-se nos pressupostos teóricos de Roberto Schwarz (2000) e Sérgio Buarque de Holanda (1995), que perceberam no “favor” o nexo da vida ideológica brasileira. Esta análise também foi pensada em função das observações de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997) sobre a dinâmica da população brasileira livre dentro do regime escravocrata.

## PALAVRAS-CHAVE

Machado de Assis; conto; favor; bajulação.

## RESUMEN

Con este estudio tenemos el objetivo de analizar las maneras de sociabilidad de Clemente Soares, personaje más importante del cuento “Um homem superior”, de Machado de Assis, publicado en el *Jornal das Famílias*, en 1873. Observamos que para este cuento el escritor brasileño creó un tipo ficcional dependiente, exímio en el arte de adular siempre y con la intención de obtener favores. Intentamos también mostrar que el personaje en cuestión era un tipo en gestación de lo que iba serlo el interesado Cristiano Palha en la novela *Quincas Borba*. De este modo, nuestro análisis es del ámbito comparativo y al mismo tiempo sociológico, basado, por lo tanto, en los contenidos teóricos de Roberto Schwarz (2000) y Sérgio Buarque de Holanda (1995), que percibieron en el tema del “favor” el nexo de la vida ideológica brasileña. Este análisis también fue pensado en función de las observaciones de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997) sobre la dinámica de la población brasileña libre en el régimen esclavo.

## PALABRAS-LLAVE

Machado de Assis; cuento; favor; adulación.

No conto “Um homem superior”, publicado no *Jornal das Famílias* em 1873, narra-se a história de Clemente Soares, personagem que, se utilizando da bajulação para obter favores e do casamento por interesse, consegue passar da condição de guarda-livros para a de proprietário de terras. Em virtude dessa característica do personagem, este trabalho tem como objetivo analisar os modos de sociabilidade de Clemente Soares no conto supracitado. Pretendemos mostrar também que o personagem em questão era um tipo em gestação do que viria a ser o interesseiro Cristiano Palha no romance *Quincas Borba*. Nossa análise é de cunho comparativo e sociológico e se baseia nos pressupostos teóricos de Roberto Schwarz (2000) e Sérgio Buarque de Holanda (1995), que perceberam no “favor” o nexos da vida ideológica brasileira. Esta análise também foi pensada em função das observações de Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997) sobre a dinâmica da população brasileira livre dentro do regime escravocrata.

No início da história, o narrador apresenta o personagem principal como um ser sem condições de prover o próprio sustento. Desempregado, Clemente Soares “não tinha dinheiro nem esperanças de o ter, posto fosse um rapaz engenhoso e cheio de recursos” (ASSIS, 1938, p. 89). Ao mesmo tempo em que é enfático com relação à situação econômica do personagem no que se refere à falta de esperanças de conseguir recursos para se manter, o narrador aponta duas características — ser engenhoso e cheio de recursos — que serão primordiais para a grande mudança que se operará ao longo do conto. Inicialmente, o protagonista é apresentado como uma criatura que só tinha dinheiro para o almoço, dependendo da generosidade de um amigo para obter o jantar e, ao final da história, torna-se um proprietário de terras.

Voltando ao princípio da narrativa, se o almoço era incerto, o jantar era garantido pelo amigo Castrioto, e essa garantia tornava o personagem acomodado à situação: devido à generosidade do referido amigo, “esse

elemento da vida”, ou seja, o jantar, não constituía objeto de preocupação para o desempregado. Como vemos, a dependência de Clemente Soares começa pelo próprio alimento e ele aceita essa condição. Sendo um rapaz orgulhoso, ele cria um mundo de aparências, de modo que não vai também almoçar em casa do protetor para não mostrar sua verdadeira situação. É interessante que a atitude deste ao arranjar emprego para o agregado mostra que ele estava ciente da falta de condições de Clemente; se não foi por piedade, foi por vontade de se livrar de um fardo que o comerciante ajudou o desempregado.

Independentemente das intenções de Castrioto, o certo é que a situação do personagem protagonista só começa a mudar a partir do momento em que o protetor lhe arranja um emprego como guarda-livros na casa comercial de Medeiros. Como podemos perceber, Clemente Soares dependia de Castrioto tanto para se alimentar, como para conseguir uma ocupação remunerada. Como lembra Roberto Schwarz, o favor era o nexo de mediação no Brasil.

Esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc. Mesmo profissões liberais, como a medicina, ou qualificações operárias, como a tipografia, que, na acepção européia, não deviam nada a ninguém, entre nós eram governadas por ele. E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto (SCHWARZ, 2000, p 16).

A citação é longa mas de muita importância como argumento para referendarmos nossa idéia acerca das relações que envolviam o personagem do conto, o que o torna representativo de um tipo social existente na realidade exterior ao mundo ficcional criado por Machado de Assis. Nesse sentido, um dado da vida social torna-se elemento literário responsável pela estrutura da narrativa.

Mas apesar de dever favores ao homem que ajudou a matar sua fome, Clemente Soares passa a ignorar seu ex-protetor quando este se encontra em

crise financeira. Essa atitude revela-lhe um pouco mais do caráter: um homem cujas relações são mediadas pelo interesse. Afinal, ele “professava o princípio de que a um pobre não se tira o chapéu em nenhuma hipótese, salvo se se encontram num beco deserto, e ainda assim sem grandes mostras de intimidades, a fim de não dar confiança” (ASSIS, 1938, p. 95). Preconceito de classe em relação à própria classe. Apenas tinha conseguido uma posição de guarda-livros e já se sentia superior aos demais de sua classe social. O personagem gostava de se servir do outro, mas não gostava de ajudar, melhor dizendo, só servia àqueles que podiam lhe oferecer algo em troca.

Neste episódio do incidente entre Clemente Soares e Castrioto, já encontramos um tom de pessimismo dos personagens machadianos. O narrador revela o sentimento deste quando é ignorado por aquele: já estava na idade de não ter ilusões a respeito da gratidão humana. É claro que foge ao nosso interesse fazer uma análise de cunho existencial; fica aí apenas a sugestão de uma tão comentada característica do escritor brasileiro.

Tão logo começa a exercer a função de guarda-livros, o personagem inicia também seus esforços para ascender socialmente. No papel de criatura engenhosa e cheia de recursos, Clemente Soares mostra-se solícito e zeloso e “sabe levar os homens”. No caso em questão, solícitude e zelo são sinônimos de bajulação e o personagem comporta-se dessa forma porque tem objetivos a alcançar, voltamos a enfatizar. Ele conduz a situação de modo a se tornar necessário na vida das pessoas que lhe interessavam, das pessoas que podiam levá-lo aonde almejava chegar. Resolve os problemas que estavam acima do entendimento do patrão porque tem como meta ser considerado pessoa necessária no estabelecimento em que trabalhava. Agindo desse modo, Clemente Soares, ainda que por breve momento, deixa sua condição de dependente, já que outras pessoas é que dependiam de sua capacidade profissional. Era uma espécie de compensação de sua condição de subalterno na escala social; ao menos no âmbito profissional ele estava em posição privilegiada. Posição que ele também aspirava a alcançar no meio social. Para

penetrar na “sociedade que convinha ao seu gosto”, o personagem aceitou o “primeiro convite que lhe fez Medeiros para um jantar que dava em casa a um diplomata estrangeiro” (ASSIS, 1938, p. 96). A partir de então passou a receber com bastante freqüência convites para bailes e jantares que lhe propiciavam a convivência em uma sociedade que, por sua condição de homem sem dinheiro, lhe rejeitava.

Curiosa é a expressão que o narrador utiliza para informar sobre os recursos com os quais o personagem tenta imiscuir-se na sociedade: “com estas e outras traças” (ASSIS, 1938, p. 96); podemos entender o vocábulo “traças” como uma nominalização do verbo “traçar”, no sentido mesmo de traçar, delinear, projetar um caminho a ser seguido. Porém, pelas características do personagem, podemos entender que ele está sendo comparado à traça, o inseto roedor que ataca livros e roupas e vai se inserindo onde quer através dos buracos que fura. Se pensarmos bem, o guarda-livros faz trabalho análogo ao do inseto. Sua forma de roer é mostrar-se útil e necessário; é sendo solícito e zeloso como sugere o narrador. Enfim, sua forma de roer é adulando os homens de algibeira cheia.

Quando já está participando das altas rodas da Corte, Clemente Soares encontra-se deslocado; falta-lhe uma noiva, mas as moças que lhe serviriam como esposa ou são muito ricas ou muito pobres. Apesar de ainda contar com as mesmas características dessas últimas, visto que possuía apenas um emprego de guarda-livros com salário de quatro contos e seiscentos mil-réis por ano, o rapaz já não se sente como tal. Mas, ao que tudo indica, na mesma medida em que renegava as moças sem vintém, era renegado pelas jovens da alta sociedade carioca e parecia ter consciência dessa inadequação de espaço social. Sabia que escolher a noiva não “era tão fácil como o resto” (ASSIS, 1938, p. 96). Diante dessa dificuldade, o guarda-livros investe em Carlotinha, a namorada por ele abandonada ao descobrir que o pai da moça tinha apenas cinco apólices. O interesse pela ex-namorada foi despertado quando Clemente Soares a viu, bem vestida, descendo de um carro em companhia de um velho

que “tinha um ar que cheirava a riqueza a cem léguas de distância” (ASSIS, 1938, p. 97).

Se Carlotinha estava esplêndida de beleza, como sugere o narrador, todo esse esplendor não estava ligado à beleza natural do personagem. Supondo-se que fosse realmente bela e se toda essa beleza deveras fizesse diferença, Clemente não a teria abandonado no passado. O guarda-livros não era homem de sentimentos, era materialista e racional. É que no momento em que ocorre a cena, Carlotinha passa a ser vista como uma possibilidade de projeção social para o interesseiro. Digno de nota é o fato de Clemente Soares ser dotado de tantas características como elenca o narrador, mas mesmo sendo tão hábil, essa sua habilidade não lhe permitia fazer a corte nem conquistar uma moça rica. Talvez, no íntimo do personagem permanecesse a idéia de que a alta sociedade ainda o rejeitava. Na verdade, ele só conseguia fazer figura de importante diante dos pobres. Na *high life*, embora conseguisse agradar, não passava de um adulator de ricos. Desse modo, a única alternativa que lhe restava era usar Carlotinha como trampolim, assim como esta usou o comendador, para galgar mais degrau na escala social. Ao descobrir que o velho que a acompanhava era seu marido e, de fato era um homem rico, um fazendeiro, Clemente começa a tramar pacientemente uma aproximação com o casal. É este o ponto máximo da bajulação. A narrativa, ou o destino, quis que o fazendeiro também fosse um dos fregueses da casa comercial de Medeiros, o que já facilitava os planos do bajulador. A sua condição de dependente não o deixa inerte, à espera que o protetor lhe ofereça algum benefício. Como criatura “engenhosa”, “cheia de recursos” e que “sabe levar os homens”, Clemente Soares se aproxima do velho fazendeiro, cujo único mérito “era ter uma grande riqueza” (ASSIS, 1938, p. 103).

Semelhantemente a uma traça, vai roendo os obstáculos que o afastavam da posição a que aspirava chegar. E nesse caso, roer obstáculos significa bajular sempre e mais a elite que o repelia. Clemente Soares começou a servir o fazendeiro “com toda solicitude e zelo” (ASSIS, 1938, p. 98), fazendo-

lhe obséquios, cercando-o de todas as atenções, fascinando-o com discursos; afinal de contas, além da riqueza, o comandante possuía ainda outro mérito: uma excelente reputação. Ora, estar ao lado de uma pessoa dessas é granjear para si certo prestígio.

Há que se destacar a tamanha capacidade de adulação do personagem que o tornava adorado pelas pessoas; em pouco tempo de amizade, “o comendador morria por ele (Clemente Soares). Era o ai Jesus da casa” (ASSIS, 1938, p. 102). Na situação em que se encontrava, o personagem tentava conquistar o comendador e reconquistar Carlotinha, simultaneamente, já que aquele era o dono do dinheiro e esta a herdeira, a quem daria o golpe final. De qualquer modo, Clemente Soares sairia beneficiado da situação. No instante em que começa a cortejar a moça, falseia seus sentimentos em relação a ela. Não estava apaixonado, nunca esteve, “era um dos mais perfeitos comediantes que tem escapado ao teatro” (ASSIS, 1938, p. 106). Por ocasião da volta da jovem e do marido à fazenda, o comediante “simulou algumas lágrimas, expectorou alguns soluços e despediu-se de Carlotinha como se tivesse por ela a maior paixão deste mundo” (ASSIS, 1938, p. 106).

Com a falência de Medeiros, Clemente Soares encontra-se novamente sem emprego e sem dinheiro. É nesse momento que o guarda-livros vê compensados os seus esforços de adulator; encontra a proteção do comendador, o qual na intenção de estender-lhe a mão, convida-o a passar alguns dias na fazenda. Numa época em que, como lembra Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997), a gerência das vastas propriedades era ocupação bastante para absorver grande parte do dia dos fazendeiros, cujo único divertimento era a conversação, como forma de pagar a hospitalidade o bajulador mostra-se alegre e divertido e na mesma medida começa a lisonjear o comendador por seu entendimento em relação à vida no campo. Como vemos, o personagem sempre planeja ações na perspectiva de atrair sempre e mais para si a simpatia do comendador.

Após a morte do fazendeiro, realiza-se o casamento do guarda-livros com a viúva, em regime de comunhão de bens. Mais uma vez aquele agiu premeditadamente: propôs a separação de bens porque tinha certeza de que a noiva não aceitaria, informa o narrador. Como não era homem de se encafiar numa fazenda e se contentar com a paz doméstica, Clemente Soares vendeu a fazenda e os escravos e mudou-se para a Corte. Passado um ano da morte da esposa, viajou para se distrair. Ao que tudo indica não era afeito ao trabalho. Trabalhara sim, mas com o único intuito de adular para conseguir boa posição na sociedade. Não é exagero afirmar que Machado de Assis criou um personagem que carregava consigo uma herança do pensamento colonial, época em que havia um conceito negativo acerca do trabalho, como mostra Jurandir Freire Costa:

A ética colonial repudiava o trabalho, o branco livre não se imaginava exercendo uma profissão que lhe exigisse ocupação manual. O chefe de família digno não trabalhava: vivia de rendas ou exploração do trabalho dos outros. Se não era proprietário de terras ou comerciante, procurava locupletar-se em algum cargo burocrático da administração pública. Quando nenhuma dessas possibilidades surgia, sugava o trabalho escravo até a última gota (COSTA, 1979, p 168).

Na sociedade colonial, o ócio e sua ostentação possuíam um aspecto positivo, pois eram vistos como sinal de abastança e opulência; o prestígio do senhor era proporcional à vida ociosa que demonstrava ter. Considerando a observação do pesquisador acima citada e confrontando-a com a atitude do protagonista do conto, percebemos que ele guardava mesmo resquícios da cultura colonial. Apenas dois meses após o casamento foram suficientes para que o ex-funcionário de Medeiros vendesse fazenda e escravos e se estabelecesse na Corte, onde viveu aventuras amorosas e onde foi festejado e estimado por todos. Essa postura nos leva a crer que o personagem era muito mais afeito a uma vida ociosa e de festas do que de trabalho.

Contudo, sua característica de inseto roedor lhe possibilitou migrar de um estrato social para outro; passou do lado dos homens que obedecem para o

lado dos que mandam. Num certo sentido houve uma inversão de papéis; no final da história o ex-patrão Medeiros vem pedir-lhe dinheiro emprestado.

Alguns textos lidos na disciplina "Formação da narrativa brasileira", ministrada pela professora Sílvia Maria Azevedo, em 2007, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP/Assis, fizeram-nos pensar um pouco mais sobre a idéia de que Machado deixava alguns personagens em estado embrionário para desenvolvê-los posteriormente. Com base na leitura de "Um homem superior" e de *Quincas Borba*, percebemos que todas as características de Clemente Soares lembram as de Cristiano Palha. Com isso, queremos atestar que o primeiro era o germe deste último. Assim sendo, de forma sucinta, mostraremos algumas semelhanças entre ambos os interesseiros.

A relação de Clemente Soares com o comendador é bastante semelhante à de Palha com Rubião. Para Cristiano Palha, cujos olhos brilharam ao saber da herança que Rubião recebera, o único mérito do herdeiro do filósofo Quincas Borba era o de ser um capitalista, o que lhe seria bastante útil em seus planos de enriquecer. Também era essa a opinião de Clemente Soares em relação ao marido de Carlotinha.

Tão logo Rubião chega à corte, Palha cerca-o de cuidados, orientando-o, dando-lhes sugestões, enfim, adulando-o de todos os modos. Palha "era jeitoso, ativo, e tinha o faro dos negócios e das situações" (ASSIS, s/d, p. 41). Características que, guardadas as devidas proporções, já eram atribuídas a Clemente Soares.

Mesmo diante do fato de Rubião cortejar Sofia, Palha decide continuar a "amizade" com o capitalista porque devia-lhe favores e também porque tinha interesses a alcançar; em pouco tempo ambos se tornariam sócios. Embora sentisse vontade de agredir Rubião devido à ousadia deste em relação a Sofia, Palha vai visitá-lo para saber o motivo pelo qual o capitalista não lhes visitava havia quinze dias. A ambição pela fortuna de Rubião era tamanha que Palha planejava o casamento do ex-professor com Maria Benedita. Essa foi a forma encontrada para que o sócio e, automaticamente, sua herança entrassem para

a família. Como uma das formas de bajulação, Palha envia morangos à sua vítima, usando para isso o nome de Sofia. Como sabemos, o marido ganancioso escreve o bilhete e pede que a esposa o copie. Toda a intenção de Palha era atrair cada vez mais para junto de si a sua galinha dos ovos de ouro, ou seja, Rubião. Ao encontrar Camacho em casa do ex-professor, indaga-se a respeito daquele sujeito que parecia exercer domínio sobre Rubião. Sente-se ameaçado diante da presença de mais um suposto interesseiro a rondar a algibeira de Rubião. Não vê com bons olhos a idéia de ir o capitalista a Barbacena, visto que Minas poderia retê-lo. Tenta dissuadi-lo da idéia da viagem e depois se oferece para acompanhá-lo, juntamente com Sofia. Quando percebe que a grana da vítima está se esvaindo, rompe com a sociedade. No final do romance, enquanto Palha e Sofia inauguram o palacete em Botafogo, Rubião morre louco e pobre em Barbacena.

Como podemos notar, Cristiano Palha foi a perfeita realização do personagem que Machado havia criado dezoito anos antes: um autêntico bajulador e interesseiro. Nosso objetivo com este trabalho não foi fazer uma análise exaustiva dos textos por nós contemplados para estudo, mas apenas apontar para duas possibilidades de leitura do conto em questão. O interessante dessas observações apontadas foi ver que mesmo em um conto que durante muito tempo ficou relegado ao esquecimento pela crítica, já havia um enredo estruturado com base na dinâmica da sociedade brasileira.

### **Referências bibliográficas**

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Klick Editora, s/d.

\_\_\_\_\_. *Contos fluminenses II*. São Paulo: Jackson Editores, 1938.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4.ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000.